

**Feminismos Globais
Estudos de caso comparados
de Mulheres Militantes e Intelectuais**

LOCAL: BRASIL

**Transcrição da entrevista de Angélica Souza Pinheiro e Luciana
Adriano da Silva
Entrevistadora: Sueann Caulfield**

**Bracuí, Angra dos Reis, Brasil
17 de julho de 2014**

**University of Michigan
Institute for Research on Women and Gender
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: um.gfp@umich.edu
Website: <http://www.umich.edu/~glblfem>**

© Regents of the University of Michigan, 2015

Luciana Adriano da Silva deixou o mundo mais bonito no dia 21 de fevereiro de 1981, na cidade de Angra dos Reis, onde nasceu. Estudou na escola municipal Áurea Pires da Gama no ensino fundamental. Terminou o Ensino Médio no Colégio Estadual Conde Pereira Carneiro, e cursou o ensino superior na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde fez o Curso de Licenciatura em Educação do Campo. É liderança comunitária do Quilombo Santa Rita do Bracuí, e representa a sua comunidade junto a diversos movimentos sociais e instituições.

Angélica Souza Pinheiro nasceu em Angra dos Reis no dia 05 de março de 1982. No ensino fundamental, estudou na escola municipal Áurea Pires da Gama. Com 17 anos, se formou como professora, no Ensino Médio, no Colégio Estadual Roberto Montenegro. Fez o Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e, junto com Luciana, Fabiana, e Marcus Vinícius, que se graduaram no mesmo curso, assim como com outras lideranças quilombolas e com professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, desenvolveu um trabalho junto à Escola Municipal Áurea Pires da Gama e à Secretaria Municipal de Educação de Angra dos Reis para ver a escola de sua comunidade transformada em uma escola quilombola, conquista alcançada em 2015. Angélica se definia como negra, jongueira, quilombola, e pesquisadora de sua própria história. Fez seu trabalho de conclusão de curso de graduação sobre turismo em comunidades tradicionais. Era representante de sua comunidade junto a diversos movimentos sociais e instituições. Nos últimos tempos representava o Quilombo Santa Rita do Bracuí no Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty, e Ubatuba e, coerentemente com sua trajetória acadêmica e comunitária, vinha se dedicando especialmente à implementação de ações e à reflexão sobre Turismo de Base Comunitária. Angélica tinha planos e sonhos, seu próximo passo era o mestrado acadêmico. Infelizmente, Angélica veio a falecer no dia 07 de setembro deste ano, em função de uma doença renal em tratamento há mais de três anos. Angélica partiu, mas deixou no Quilombo Santa Rita do Bracuí e nos lugares por onde passou um exemplo de luta, compromisso, coerência, e determinação, que certamente será seguido pelos seus mais novos, por todos aqueles e aquelas que ajudou a educar, e por aqueles e aquelas que serão educados na Escola Municipal Quilombola Áurea Pires da Gama.

"Numa sociedade onde ser negro era ruim, assumir as minhas heranças culturais é muito importante, pois podemos mostrar para a sociedade o quanto o negro tem contribuído culturalmente para o desenvolvimento do país. Me assumo como tal porque é uma questão de identidade, de raiz, está no meu sangue, questão de honra. Se me nego, estou desvalorizando a luta dos meus antepassados porque não foi em vão que muitos lutaram, outros perderam a vida, para que eu não assuma que sou JONGUEIRA SIM, QUILOMBOLA SIM, e NEGRA, e PESQUISADORA DA MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA". (Angélica Souza Pinheiro, 13/12/2014)

Sueann Caulfield é Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Michigan. Foi diretora do Center for *Latin American and Caribbean Studies* (LACS) (1999-2004) e atualmente dirige o *Brazil Initiative Social Science Cluster*. É especialista em história do Brasil contemporâneo, com ênfase em gênero e sexualidade. Ela recebeu vários prêmios e bolsas da *Fullbright Commission*, *National Endowment for the Humanities*, e *American Council of Learned Societies*. É autora de, entre outros, o livros

Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940), Honor, Status and the Law in Modern Latin American History (organizado em co-autoria com Sarah Chambers e Lara Putnam), e vários artigos sobre gênero e historiografia, e direito de família, raça e sexualidade no Brasil. Sua pesquisa atual versa sobre história da família, com particular ênfase na história da paternidade e legitimidade no Brasil do século XX. Ela é particularmente interessada no tema dos direitos humanos na América Latina, e vem participando de uma série de workshops, projetos transnacionais de ensino e intercâmbios sobre temas como justiça e ação social.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos. Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – [Labhoi](#), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento ([NUMEM](#)) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning Initiative at the University of Michigan* e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

Sueann Caulfield: Então, eu sou Sueann Caulfield, professora da Universidade de Michigan nos Estados Unidos, e estou falando com a Luciana Adriano da Silva, aqui, e com a Angélica Souza Pinheiro do lado esquerdo, que são duas mulheres que tomam uma parte de liderança no movimento quilombola do Bracuí. Então eu queria começar perguntando a vocês: esse movimento existe há quanto tempo? Está reivindicando o quê? E o que vocês conseguiram? O que, com a sua atuação no movimento, conseguiram até hoje? Você pode começar, e depois você...

Luciana Adriano da Silva: Bom, eu comecei no movimento... acho que desde sempre, porque o meu pai era da luta, assim, da questão pela terra, aqui no quilombo Santa Rita do Bracuí, né, que agora a gente usa o termo quilombo, mas antes era só uma comunidade negra rural...

SC: Você sabe a partir de quando começou a ser usada a palavra "quilombo"? Foi logo depois da constituição ou foi mais recente?

LAS: Não, é mais recente, pra gente é mais recente, não foi a partir da constituição não. Foi em 2003, quando nós iniciamos, através do nosso amigo Délcio, que nós iniciamos um processo para poder construir uma associação de remanescentes quilombolas, né, que veio surgindo esse termo para nós de "quilombo", então assim, é bem recente.

SC: Você sabe quem sugeriu? E por este caminho no movimento, que é uma decisão né, ir para o caminho do direito de quilombo?

LAS: É, foi uma construção mesmo, também através do meu sobrinho, que conheceu o quilombo do Campinho, né, que é um quilombo que já era intitulado bem antes que o nosso, porque nós ainda não temos o título. E ele começou com essa questão da terra, ele sempre gostou da terra, não vive da terra, mas sempre assim, gostou, sempre gostou de ouvir as histórias.

SC: Não vive da terra, mas vive aqui?

LAS: Vive aqui.

SC: Que idade ele tem, desculpe?

LAS: Ele está com 27 anos, acho que ele completou ontem, rs, não sei.

SC: Ah tá, então é seu sobrinho mas ele tem mais ou menos a sua idade?

LAS: Isso, mais ou menos...

SC: Você tem quantos anos?

LAS: Eu tenho 33.

SC: Ah, então tá.

LAS: Aí, ele começou essa questão, conheceu o pessoal do Campinho, né, que era quilombo, participamos de algumas reuniões, primeiro ele foi, depois eu fui, participar

junto com ele de algumas reuniões, e através daí a gente começou a levantar a possibilidade de que nós também seríamos quilombolas né. E aí, com o passar do tempo, com estudos, com estudo antropológico, essas coisas né, se descobriu que realmente nós somos quilombolas por sermos descendentes de antigos negros escravizados. E aí a gente passou a assumir esse termo quilombola, quilombo. Tem algumas pessoas que não aceitam esse termo, né, mas a gente assumiu isso como uma identidade nossa pela questão da luta que os nossos antepassados tiveram.

SC: E você Angélica, então, você pessoalmente, como que começou a sua atuação dentro do movimento? Vocês têm mais ou menos a mesma idade?

Angélica Souza Pinheiro: Eu tenho 32. Na realidade assim, meu pai sempre fez parte do movimento religioso na igreja de Santa Rita, então desde muito pequena eu vivia dentro da igreja com o meu pai, e aí minha mãe ficou doente, e tinha uma assistente, tem né, assistente social lá de Paraty, e aí ela falou assim, eu fiquei um tempo sem ir na igreja, e ela falou assim - Paraty não, desculpa, Praia Brava, e

SC: Igreja católica?

ASP: Igreja católica, da Santa Rita do Bracuí, e aí ela veio para visitar a minha mãe, de 15 em 15 dias ela vinha visitar minha mãe, que ela era da igreja, e então ela falou, trouxe um monte de revistas, e falou: 'você tem que fazer alguma coisa dentro da igreja, tem que ajudar...'. Aí eu comecei a participar da igreja no movimento de catequese com as crianças, junto com a Celina, mais no movimento religioso. Aí em 2003, eu não lembro muito bem se foi 2002 ou 2003, quando estava construindo a diretoria da Arquisaba (Associação de Remanescentes Quilombolas de Santa Rita do Bracuí), aí o Anderson, que é o ex-diretor, ele me convidou, como não tinha gente suficiente para fazer, e ninguém entendia muito o que era o movimento quilombola, era um negócio que estava sendo construído, ele me convidou para fazer parte dessa diretoria, que foi até no cargo de conselho consultivo. Aí fiz parte do conselho consultivo, na época a diretoria era por dois anos, aí fiz parte do conselho consultivo, depois mudou a diretoria, e não lembro mais o cargo que eu fui ficando, rs, aí nesse tempo, teve o projeto, a Luciana com o Délcio já tinha escrito um tempo atrás o projeto 'Pelos caminhos do Jongo' - eu não entrei nesse processo, não sabia nem como que fazia projeto, eu não entendia nada - , aí como se diz, 'caí de paraquedas no navio' porque o Bracuí ganhou o projeto, foi reconhecido, ganhou em primeiro lugar como manifestação cultural pelo Ministério da Cultura. Teve algumas oficinas nos estados do Brasil, dentro desse projeto, porque a ONG que fez esse projeto tinha algumas oficinas para o pessoal dentro da comunidade, a Luciana trabalhava na época para sustentar o Patrick, não podia faltar, ficava até uma semana fora, eu me lembro que foi até em 2006 isso, foi em São Paulo, e o Délcio, que tinha feito o projeto, e a Flávia trabalhava de monitora, acho que de artesanato, também trabalhava e não podia sair, para ser liberada. Aí o Délcio me perguntou se eu podia ir, eu não conhecia, na verdade conhecia muito pouco do jongo, não participava, eu era de outro movimento religioso, não participava do jongo, conhecia muito pouco. Aí o Délcio me deu algumas coisas, me explicou algumas coisas do jongo, eu fui pra lá, para a reunião, eu continuei indo, fiquei dois anos, não em tudo mesmo, mas de vez em quando eles ligavam, mandavam e-mail dizendo que tinha alguma oficina daquele projeto lá, e aí eu comecei... Aí nisso o Délcio começou a pensar no projeto de Pontão de Cultura, aí a Luciana também não podia ir, que foi no final de semana, tinha que ir numa sexta feira e

tal, e eu fui com o Délcio, e nesse processo - mas a Luciana trabalhava com o jongo, mas eu estava começando né, aí depois eu descobri com o tempo que a minha família era jongueira, mas se afastou, sei lá. Aí eu, por parte da minha avó né, não de pai e mãe. Aí eu comecei a ir, conheci a Elaine, a Monica, algumas pessoas jongueiras, então começaram essas reuniões para construir o "pontão de cultura". Aí o Délcio também não pôde mais, rs, por conta do trabalho também não pôde mais, aí a Luciana começou a ir, aí começou a ir eu e a Luciana, até hoje, já são 7 anos, por isso até hoje a gente intitula o 'pontão do jongo' porque 7 anos não são 7 dias né? Nesse processo do projeto... Aí eu ia muito, aí o pontão levou a gente a um lugar diferente, a Luciana continuou trabalhando, eu continuei mais ficando em casa, e aí, eu ia a algumas reuniões fora do estado do Rio de Janeiro, final de semana a Luciana ia para o Rio de Janeiro, então a gente começou nesse negócio, nesse movimento.

SC: Reuniões de movimentos do jongo ou do quilombo?

LAS e ASP: Do jongo.

ASP: E eu continuei participando da associação, aí mudou a diretoria, foi mudando, foi mudando, mudando, até que teve uma diretoria em um ano que eu não me lembro qual foi, que entrou um outro coordenador, e esse coordenador ele é aposentado e tinha um tempo mais livre para trabalhar, e eu, por mais que não era coordenadora, nem sub, eu sempre fazia algum trabalho, não era da diretoria mas eu sempre fazia, ia na reunião tal, reunião não sei o que, fazia um ofício, então sempre estava ajudando esse coordenador sim, dentro da própria diretoria sim. E aí nesse meio, a gente trabalhava, logo assim eu fui para a Rural, estudar, e saí do movimento religioso.

SC: A Rural é a universidade?

ASP: É, a universidade. E aí não dava muito para ficar abraçando tudo, aí o movimento quilombola, que a associação ela veio primeiro para dar força para o movimento quilombola, e ele começou a sugar mais o nosso tempo, e aí até mais o meu do que o da Luciana, porque eu, eu moro sozinha, sou eu e os meus irmãos, então eu tenho um pouco mais de tempo, a Luciana ela mora com o pai, com o filho, e tal, e aí eu optei mais ficar com o movimento quilombola e o movimento jongueiro. Mas assim, hoje em dia a gente atua mais no movimento quilombola do que no movimento jongueiro.

SC: Os jongueiros ensaiam, né? Tem que ensaiar, tem que se reunir e também tem a parte política, então é muito mais tempo o movimento jongueiro, você diria?

LAS e ASP: Não...

LAS: Na verdade, hoje assim, quando o grupo era composto por crianças, por adolescentes, a gente ensaiava mais, hoje em dia já estão tudo...

SC: Ah, então vocês já faziam isso quando eram adolescentes?

ASP: Mais a Luciana, eu não.

LAS: É, aí a gente não ensaia mais, aí era mais eu né, que iniciei assim, porque a Angélica, como ela disse, ela não fazia parte né, ela entrou depois, a convite. Mas eu fazia oficinas com eles, para ensinar a tocar, ensinar a dançar, pra contar história do jongo..

SC: Então você já participava desse grupo de jongo desde criança, desde adolescente?

LAS: É, desde adolescente.

SC: Então pra você foi a partir da sua atuação na igreja?

ASP: Eu acho que a partir dos 20 anos, 21.

LAS: Assim, na verdade eu nasci na família jogueira, só que na época que os meus pais faziam parte, quando eles eram mais novos, crianças não podiam participar da roda de jongo né, então foi uma construção mesmo, porque assim, eu nem gostava assim de jongo, não é que não gostava, tinha vergonha de participar da roda de jongo e tudo, então, assim...

SC: Por quê?

LAS: Porque eu achava que não era uma coisa pra mim, sei lá, tinha vergonha, e...

ASP: Na realidade, o jongo, desculpa te cortar Luciana, ele não tinha naquela época que a Luciana era adolescente, e que eu tinha 20, 21 anos, ele não tinha aquela visibilidade que tem hoje.

LAS: É, não tinha.

ASP: E o respeito que as pessoas dão hoje para o jongo, então assim, tinham outros nomes e tal, então assim eu acho que por isso que levava as pessoas a não querer dançar o jongo.

SC: Era visto como uma coisa...

ASP: É uma coisa má, tinha gente que achava feio, tinha gente que não gostava, enfim.

SC: Então foi a partir da politização e da criação de cultura da comunidade que foi se valorizando?

ASP: Isso, e da insistência desses mais velhos, né? Que era a minha avó, que faleceu com 100 anos, da minha mãe, do meu pai, da minha irmã Celina, meu tio Geraldo, mais por insistência deles foi que isso permaneceu até hoje, que resiste até hoje, porque eles não deixaram morrer, mesmo com as pessoas discriminando, eles faziam, mesmo assim nas épocas de festas, festa de Santa Rita, assim, eles sempre faziam, sempre apresentavam, o jongo deles lá. Então assim, eles tiveram um papel muito importante, que é esse de resistir mesmo que os outros não quisessem, mesmo que vissem eles com outros olhos.

SC: Então o jongo se juntou com a luta política, na hora que se identificaram como comunidade quilombola? Foi isso que deu essa junção?

LAS: É, na verdade o jongo ele vem por trás de tudo que acontece hoje né, o jongo é que nos impulsionou a tudo que a gente vive hoje, o que nos impulsionou até a chegar na universidade mesmo foi o jongo.

SC: E como que foi isso?

LAS: Rs, não, eu digo isso, assim, porque a gente sempre fez esse trabalho do jongo, participar dessas reuniões, enfim, nessa militância, em outras comunidades, né? E aí surgiu o sonho da universidade, que pra gente era um sonho distante, tanto que tem uma entrevista em que a Angélica diz que queria fazer, mas assim, pra gente, pelo lugar que a gente morava, por falta de conhecimento...

ASP: Recurso.

LAS: Falta de recurso, falta de informação, pra gente era um sonho distante a universidade.

SC: Mas vocês fizeram o segundo grau sem problema aqui? Tem acesso?

LAS: Fizemos sem problemas.

SC: Isso é comum aqui? A maioria dos jovens consegue terminar o segundo grau?

LAS: Consegue.

ASP: Se quiser consegue.

LAS: Tem muitos que desistem, preferem trabalhar, mas se quiser, consegue. Então assim, nós terminamos, mas terminamos e o sonho da universidade era um sonho muito distante, tanto que eu terminei o ensino médio em 2003, né, e aí a possibilidade de universidade só veio em 2010, então assim... porque pra mim eu achava que nunca iria conseguir alcançar uma universidade, um ensino superior, né? E assim, esse movimento do jongo, esse trabalho que a gente faz, esse vai e vem, conhecer outras pessoas também através dessas reuniões de que a gente participa, possibilitou muito essa nossa entrada na universidade, porque aí você conhece pessoas diferentes, e as pessoas "pô, tem né, o curso, assim, assim, tem várias outras coisas", aí foi o que nos colocou na universidade, que eu falo que o jongo foi o que nos levou à universidade, porque, antes do, não digo antes do jongo, mas a gente antes de participar desse movimento, pra gente o sonho da universidade era uma coisa impossível, assim, né.

SC: Isso virou realidade por conta das pessoas que você ia conhecendo? Professores universitários que se interessavam pelo movimento e queriam participar? E aí encorajavam vocês? E vocês duas juntas, né?

LAS: Rs.

ASP: Eu acho que o movimento, eu estava lembrando de umas coisas que a gente ouve quando vai nas reuniões do jongo, o movimento jongueiro do Bracuí ele, o jongo do Bracuí, ele não é um jongo de apresentação, isso a gente ouve muito do jovem falando, é um jongo de política, de luta, de resistência. Falo para a nossa realidade aqui, então, o jongo, hoje, a gente está numa fase que hoje não tem muita apresentação dentro da

comunidade. Eu falo assim, como a Luciana falou, antigamente tinha ensaio, essas coisas assim, o jovem já sabe fazer isso, mas hoje, hoje que eu falo assim, de 4 anos, 3 anos pra cá, o que acontece: o nosso jongo, é um jongo tipo assim "olha, vocês são negros, são jongueiros, e têm que estar dentro da universidade, não precisa fazer licenciatura, educação no campo, você pode fazer Arquitetura, você tem capacidade de fazer Medicina, vai ser difícil? Vai ser difícil, mas você tem capacidade de fazer. Você pode até fazer História, Pedagogia, mas se você quiser, não é porque a sociedade falou que é a Pedagogia, a História. Se você quer ser historiador, você vai ser historiador, se você quer ser engenheiro, você vai ser engenheiro." Não vai ser uma coisa de "ah, vai ser fácil"... Então assim, a gente hoje, tem eu, Fabiano, Luciana e Marcus Vinicius que terminamos ano passado, o Emerson está fazendo, a Amanda já fez a prova, está só esperando o resultado pra entrar na próxima turma agora em agosto, então são poucas pessoas, a gente começou com 4, agora são...

SC: Estou contando, são 6 pessoas que você mencionou, dos quais, agora pensando na coisa de mulher, homem, gênero, 4 são mulheres e dois meninos, não é?

ASP: Isso, e eles, a gente, a gente faz esse papel, mas não é a gente, o Emerson e a Amanda hoje eles fazem o papel de estarem convidando outros jovens a estarem fazendo isso.

LAS: A estarem participando.

ASP: A universidade. Porque a Amanda, ela fez o vestibular agora em junho, eu acho, e vai ter outro em dezembro, então a Amanda está falando assim "Pô, vamos pra lá" e ela nunca foi, não estudou na Rural, mas ela está fazendo esse incentivo.

LAS: Fazendo o movimento de convidar os outros a estarem participando.

ASP: E eu ainda faço o movimento seguinte: "você tem condições de fazer qualquer curso, não vai ser fácil," aí eu tenho que explicar que não é um mar de rosas, mas você tem condições de fazer qualquer curso, que antes a gente achava que não existia, que era impossível, apesar de que tinha um grupo de pessoas que falava assim "ainda vou te ver dentro de uma universidade", como o Délcio, como a Monica Sacramento, como Elaine, são as pessoas que sempre ficavam "eu vou ver vocês dentro da universidade".

SC: São pessoas que vocês conheceram por causa do movimento? São pessoas de fora do Rio de Janeiro, professores?

ASP e LAS: Por causa do movimento jongueiro.

SC: Que vieram aqui para conhecer o movimento jongueiro, para participar?

ASP: Que viraram parceiros nossos da comunidade, porque temos parceiros e parceiros, rs, vieram, que se transformaram em parceiros nossos, que acabou o projeto, mas que continuaram sendo parceiros nossos. Quantas vezes a gente pede, e liga pra eles: "pelo amor de deus, vem aqui", aí o Délcio sai de Angra com o dinheiro dele, com a gasolina dele, hoje em dia ele não está assim acessível por conta do trabalho, que está meio

confuso, mas a Elaine, quantas vezes a gente fala e ela: "olha, eu não posso essa semana, mas tal semana, tal dia eu estou lá", e vem.

LAS: Sem medir esforços para a ajudar a gente assim, então assim, são parceiros em que a gente confia de verdade, como a Angélica falou, há parceiros e parceiros, e eles são parceiros que a gente vê que têm um brilho no olhar deles em ajudar as outras pessoas né, tem pessoas que chegam só para te sugar, eles não, eles chegaram para ficar assim, de irmãos mesmo, que a gente não tem palavras para poder falar assim né, a respeito deles, e até hoje.

ASP: E a gente começou a ouvir a Marilda contando a história do quilombo, a história de quando a Rio-Santos chegou aqui no Bracuí e cortou o quilombo ao meio, e o que os nossos mais velhos, hoje, que na época não eram mais velhos, o que eles fizeram para continuar na comunidade, porque antes eles tinham o quê? Foice, facão, machado, pedra, para lutar pelos nossos direitos, e a gente acha, e a gente falou "não, a gente tem que... sei lá, a gente tem que ter mecanismo pra gente defender esse território, porque os nossos mais velhos lutaram tanto, amanhã se a gente não pega isso como nossa luta, que não é fácil, a gente perde o que eles lutaram, a gente perde o que eles..." , porque as coisas não são em 24h assim, não é boa, coisa boa assim.

LAS: A luta que eles tiveram vai acabar sendo em vão.

ASP: Vai ficar só na história.

SC: Isso nos anos 70?

LAS: Isso.

ASP: Vai ficar só na história, então assim, a gente pegou essa luta pra gente, muito confusa, muito complicada, mas a gente pensa, a gente tem esses parceiros, e outros parceiros que a gente não citou aqui, que a gente pode ligar, mandar e-mail, não sei o que, que pode ajudar a gente, e a gente estudou em um curso que tinha sem terra, sem teto, economia solidária.

SC: Foram as matérias na universidade?

ASP: Não, os grupos de pessoas, os movimentos que faziam parte do nosso curso.

LAS: Da turma. Foi uma turma de movimentos sociais.

ASP: Quando ligaram e falaram "o asfalto vai continuar descendo", a gente estava na Rural, o menino dos sem terra falou assim: "vamos arrumar um ônibus da Rural e a gente chega lá e o asfalto não desce, nós estamos na mesma luta que vocês." Então assim, a gente conseguiu ver que tem pessoas em outros lugares, outros estados, outras cidades, que sofrem os mesmos problemas que a gente, a luta pela terra.

LAS: A gente se reconheceu nos problemas dos outros, né? Porque o problema não é de um só.

SC: Vocês aprendem a colocar o seu movimento dentro do contexto de movimentos sociais brasileiro?

LAS: Sim, sim, o meu pai ele sempre diz que, se ele, na época dele, ele tivesse as armas que nós temos hoje para lutar, ele estaria feliz demais, porque aí as armas que ele fala é o saber ler, porque ele é analfabeto, saber ler, saber escrever, é poder, poder contar com doutores universitários como parceiros, como ajuda, né, poder contar com advogados, poder contar com a mídia, ele fala assim, que se, na época dele, eles tivessem isso que nós temos hoje, ele estaria muito mais feliz, e assim, a nossa comunidade não estaria assim, como está, assim em termos de populações de fora, né, morando né, então foi uma luta assim.

SC: Entendi, então pensando em vocês duas, vocês são as primeiras que estudaram, que fizeram faculdade, que se formaram da comunidade?

ASP: Temos outras pessoas, aí a gente fala, a gente explica: tem outras pessoas aqui da comunidade que têm ensino superior, mas assumido como quilombola só nós.

SC: Vocês são as primeiras, e agora tem essa turma que vocês falaram que estão seguindo os seus passos.

LAS: Isso, elas estão seguindo né, porque por trás dessa luta nossa toda assim, mesmo, quando você fala assim, mesmo enquanto mulheres, porque mulher fica, a gente tem um objetivo por trás disso né, que um é o de não deixar os nossos jovens assim, se perderem no mundo, aí eu digo no mundo das drogas, enfim, e o outro objetivo nosso principal é o título da terra né, que a gente tem esse sonho e um dia a gente vai chegar lá, a gente vai alcançar.

SC: O título desta terra toda, né?

LAS: É, isso, porque os nossos antepassados lutaram, lutaram tanto por esse espaço, para a gente poder estar aqui, então eu acho que a gente agora, que está conseguindo avançar, a gente desistir, deixar isso pra lá, eu acho que assim vai ser, dar um corte assim, no sonho deles, e na luta deles.

ASP: Eu acho que por conta de toda essa luta que a gente viu, a gente viu não, a gente ouviu, contar história, a gente vê assim, algumas pessoas ainda continuam assim, do seu jeitinho, mas ainda mantendo, lutando pelo seu território, pelo seu núcleo familiar ali, manter do jeito que era, do jeito que é... A gente foi para a escola né, a escola era Pedro da Gama, onde eu estudei, onde Luciana estudou, depois, com 17 anos eu me formei professora, com 20 eu voltei para trabalhar dentro da escola e aí não era, não tinha nada a ver com comunidade quilombola, a gente nem sonhava com isso, mas aí, até foi o...é da UFF, mas é o Carrano né, do Observatório Jovem -, ele fez um filme, um documentário em 2007, da gente aqui no Bracuí, com os jovens, ele queria falar com os jovens, jovens, aí gente falou assim, "não, a gente só fala com os jovens se colocar alguns dos mais velhos falando também.." rs, a gente sabe falar a história, mas..

LAS: Não tinha uma propriedade assim para poder falar.

ASP: Eles é que têm que estar falando da história também, aí nessa.

SC: Questão de respeito também.

ASP: Nessa entrevista, aí eu falo lá que o meu sonho, na época, eu sempre sonhei que um dia eu ia fazer universidade, eu nem sabia por onde começar, mas eu sempre sonhei que um dia eu ia fazer universidade, eu iria fazer turismo, ou psicologia, mas turismo era...

SC: Você acabou se formando em que área?

ASP: Educação do campo, Ciências Sociais e Humanidade, História e Sociologia.

SC: E você também fez licenciatura?

LAS: Também, mesmo curso.

ASP: E aí, eu falei que um dia eu ia entrar na universidade e eu ia voltar para a escola, porque não adiantava nada eu entrar na universidade, estudar e eu ia colocar meu conhecimento onde? Dentro do bolso? Eu até sempre falo isso, eu tive o sonho de fazer turismo, mas tudo tem uma hora certa assim, por mais que, eu fui fazer, quando eu estava com 28 anos, entrando na universidade, mas eu fiz o curso certo, um curso de movimentos sociais, então, ali, as matérias eram para os movimentos sociais, a gente se via, era sobre reforma agrária no Brasil, então a gente se via dentro daquelas matérias, eu não sei como eles conseguiram fazer, que uma matéria, o professor vinha, tipo, o Leandro ia dar uma matéria, depois a Marília, e uma matéria interligava com a outra, virava uma rede, e eu não sei como conseguiram fazer aquilo, se foi de propósito, se foi a vida, eu não sei. Eu até falei esses dias na escola para uns alunos da Rural, mas de História e Filosofia, que eu sou uma Angélica antes do jongo, que eu sou uma Angélica 'bilolada' das ideias, não sou muito normal não, no meu mundinho lá de faz de contas, quando eu entrei no jongo, eu fui muito de observar, eu era pouco de falar, eu era uma outra Angélica e quando eu entrei na universidade, eu aprendi a falar aquilo que eu sabia, tipo assim, eu sabia falar, só que eu achava que o outro... Eu não sei se a Elaine lembra disso, mas a primeira oficina que eu fui, em Valença, eu acho, que era sobre uma organização comunitária, a gente tinha que fazer uma carta, o que gente queria na comunidade, e tal, aí a gente escreveu e depois eu falei assim, "a gente tem que levar lá para o Délcio ver, para o Délcio ver se está certo", aí ela falou assim, "não, não vou mostrar nada para o Délcio não, foram vocês que escreveram a carta.." "Não, tem que mostrar para o Délcio, para o Délcio ver se está certo"... assim, hoje em dia eu vejo que o Délcio não precisa dizer que está certo, ele vai olhar e falar "olha, tira isso, bota isso, foi bom nisso", ele vai dar opiniões, tipo assim 'você pode fazer isso', você tem opinião se você quer fazer ou não, e antigamente não, a gente achava que tinha que perguntar a alguém, antigamente a gente achava que, aquela história, de que o antropólogo tinha que vir e contar a nossa história, né? E hoje em dia não.

LAS: A gente pode contar nossa história.

ASP: A gente respeita muito o antropólogo, a gente respeita muito o historiador, respeita muito o antropólogo, mas hoje em dia a gente pode contar nossa história, a

gente está falando a verdade, sem estar gaguejando, nós podemos contar nossa história, e temos muitas histórias pra contar, rs.

LAS: Rs, bastante, né, e aí a Angélica, quando ela fala assim que ela é uma antes do jongo, e outra depois do jongo, assim, eu também não sou diferente, que a vida da gente assim, é feita de fases, né, e a cada dia assim, você vai passando de fase e cada vez pra melhor né. E assim, enquanto mulher, mãe, solteira, e depois, né, que eu estou no jongo, nesse movimento de conhecer outras pessoas, aí você para e você faz uma reflexão do que você era antes e do quanto você cresceu depois, então assim, e quantas pessoas te ajudaram nesse crescimento, então a gente fala assim: "poxa, abandonar essa luta agora que tantas pessoas acreditaram na gente", e nos impulsionam né, cada vez mais. Você faz uma reflexão e você vê que desistir não vale a pena, rs.

ASP: Eu, assim, lembrei agora e até fiquei um pouco emocionada, mas por exemplo assim, quando eu fui, o professor diz que a gente não defende, que a gente mostra né, a minha monografia, a minha e da Fabiana, foi uma semana antes da Luciana e do Vinicius né, e quando eu fui, falar da minha monografia, e eu estava com o meu assunto todo na mente né, que tinham sido muitas coisas da...

SC: Isso foi a monografia do final do curso?

ASP: Isso, muitas coisas aconteceram, pra não terminar o curso, mas eu estava com a minha monografia na mente. E eu não consegui chegar no... no meu primeiro capítulo eu falava da história do Bracuí, o segundo era sobre o turismo, eu não conseguia chegar no turismo, eu sabia do turismo, mas não consegui explicar o que era o turismo, aí o Délcio falou lá "não, escreve sobre o turismo, fala sobre o turismo". Eu sabia o que era o turismo, mas eu não consegui falar, mas aí quando eu olhei, minha irmã ela é meio doidinha, rs, assim, a gente brigava muito, aí quando eu fiquei um tempo na Rural, acho que ela ficou tão sozinha, que a gente ficou mais amiga do que antes, isso pra você ver como que as coisas melhoram.

LAS: A distância fez bem.

ASP: E aí, quando eu falei pra minha irmã assim, "minha monografia é tal dia, dia 3 de setembro, tal hora, é 8, 9h da manhã, não lembro..."...Minha irmã falou assim: "eu vou estar aí". Ela não tinha dinheiro, ela arrumou dinheiro com o amigo dela, no dia, à noite ela chegou lá pra estar comigo na monografia.

LAS: Na defesa.

ASP: Quando ela chegou ela falou: "o meu pai está vindo". Aí a minha monografia, nós atrasamos tudo porque o meu pai não sabia chegar lá, mas quando, estava o meu pai lá, estava a Amanda, estava a tia Amélia, que é a mãe da Fabiana, que eu falo que é minha segunda mãe, estava lá, então assim, na mesa estava o Délcio, estava a Monica Sacramento, então assim, a Monica pegou 3 dias antes minha monografia para ler pra poder estar na banca comigo, porque aconteceu umas coisas lá na universidade, então assim, são parceiros meus de luta mesmo, Monica terminando o doutorado, Délcio terminando o mestrado, então assim a gente estava tudo na mesma luta.

LAS: Na mesma correria.

ASP: Na mesma correria, e o Délcio ele foi, ele saiu daqui, ele foi em todas as monografias, e foi em todas, a da Luciana foi à noite, e ele estava lá à noite pra ver a Luciana, então assim, pra gente foi muito importante. E a gente, ali que a gente viu como a gente era unido, os quatro, os cinco, porque tinha o Fagner, irmão da Fabiana que está no Espírito Santo. A gente subia no palco do auditório, dava a mão uma na outra, meu pai, tia Amélia, todo mundo ali, os irmãos da Fabiana, a gente rezava, nem sei se rezava era a palavra certa, "segura sua mão na minha", que o povo do jongo de Campinas que usa muito, e a gente começava com o jongo, a gente mudou toda a estrutura de uma apresentação de monografia lá dentro, minha turma mudou tudo, né, dentro daquela Rural. A gente juntou com um colega nosso e falou assim: "a gente tem que chegar de frente, a gente tem que dizer pra quem está lá, quem somos nós". A gente chegava, e falava, um vinha e falava assim, a gente fazia um rodízio entre nós lá...

LAS: E um ia na do outro assim, até a reitora ficou impressionada que ela falou que ela nunca viu isso na vida dela, assim.

SC: Quantos eram?

LAS e ASP: 54.

SC: Do curso?

ASP: Do curso, no geral. A gente chegava: "essa aqui é a Luciana Adriano da Silva, mãe do Patrick - antes da Luciana começar -, filha de não sei o que, não sei o que lá, namorada de fulano", a gente fazia um histórico, a gente cantava para o outro, a gente lia poesia, a Fabiana fez um poema pro Vinicius, então assim.

SC: Mas seus colegas também são de comunidades?

LAS: São todos de movimentos sociais, todos. Movimento dos sem teto, movimentos dos sem terra, RECID, todo mundo da turma.

ASP: Então assim, a gente aprendeu muito, eu acho que... a professora Marília -- fala que a gente teve uma educação popular né, pra finalizar o nosso curso, nós tivemos uma aula de educação popular, e eu acho que a nossa aula de educação popular, ela fechou, eu não lembro mais o dia, mas foi no começo desse ano, no dia que a Marilda chegou lá, com a Raíssa doente, na monografia do Vinicius, minha professora que é do movimento social...

LAS: A gente quebrou o tabu da universidade.

ASP: ... Que era do movimento da educação popular - [ela] chamou a Marilda, que era mãe do Vinicius, e colocou ela na mesa, para avaliar o Vinicius.

LAS: Na mesa de defesa, porque só doutores podem né, mestres essas coisas.

ASP: Para avaliar o Vinicius naquela...

LAS: Apresentação de trabalho ali.

ASP: E ela não foi mãe do Vinicius ali. Ela estava ali com a emoção de mãe, mas ela chegou e falou assim, "o Vinicius, ele tinha que fazer isso, isso e isso, ele tinha que pesquisar isso, isso, isso, e ele não pesquisou isso, isso e isso", tinha uns doutores que não sabiam.

LAS: Não sabem, não sabem.

ASP: E assim, pra gente assim, foi...

SC: E ele se formou no mesmo período que vocês?

ASP e LAS: No mesmo período.

LAS: Mesmo curso mas com graduação diferente né? Assim, que ele foi agroecologia e segurança alimentar.

ASP: Então assim, pra gente assim, eu até falo com muita emoção, e pra fechar o nosso, depois nunca mais voltei na Rural, pra fechar o nosso ciclo de universidade assim, o nosso primeiro passo, né? Foi quando a gente... a Luciana levou o Patrick, e era aniversário do Patrick, no dia --

SC: Quem é o Patrick?

LAS: Meu filho, tem 14 anos.

ASP: No dia em que a Luciana ia defender a monografia, era aniversário do Patrick, então assim, tudo conspirando a favor, e foi assim que a gente conseguiu levar, não levou todo mundo para a formatura, mas cada um levou uma pessoa importante da família ali, e a pessoa se desdobrou pra chegar ali, e às duas horas estar lá naquela formatura, e a gente, era uma formatura muito diferente, assim, eu nunca tinha ido a formatura de ninguém, mas a nossa formatura não foi uma formatura convencional.

LAS: Não foi, rs, mais um tabu quebrado da universidade, né, que a gente não usou beca né, a gente usou roupas africanas, roupas coloridas, rs, eu sei que a coisa foi assim forte.

SC: Ah... tem fotos??

ASP: Tem.

LAS: Foi tão forte que acabou fechando isso né, entrada pra formatura, a gente criou uma dinâmica, entramos com tambores tocando, enfim assim.

SC: Que maravilha.

ASP: Que nós construímos.

LAS: É, que nós construímos, nós construímos tambores também nesse curso, aprendemos a construir, construir tambores, foi bem bacana assim.

SC: É, bem bacana, bom, vamos mudar para o assunto do projeto que é o feminismo. Então, vocês são lideranças mulheres, e muitas das pessoas, inclusive me disseram que a maioria das pessoas que são as mais atuantes nos movimentos

aqui na comunidade são mulheres, é verdade? E por que você acha que isso seria verdade, por que as mulheres particularmente estão mais envolvidas, em levar isso pra frente?

LAS: Eu não sei nem explicar isso direito.

ASP: Eu acho que as mulheres aqui não se intitulam como feministas não. Se se intitulam, tem pouco tempo, e eu não estou sabendo, rs. Mas acho que é porque o histórico aqui é de que os homens trabalhavam muito fora, não que as mulheres não trabalhem fora, elas também trabalham fora, mas os homens trabalham muito fora, trabalham em serviço muito pesado, em obra, essas coisas, então ficou mais a cargo das mulheres estar nesse movimento, não deixar a bandeira de luta cair, né.

LAS: E as mulheres, por mais que trabalhem fora, têm assim um pouco mais de tempo do que os homens né, para estar nesses movimentos.

SC: E isso é diferente nessa geração, do que na geração de seus pais, avós, que trabalhavam nos anos 70, no movimento camponês?

ASP: Eu acho que é, mas eu...

LAS: Eu acredito, hoje talvez tenha um pouco mais de mulheres, não que as mulheres naquela ocasião não participassem, participavam também, né, eu acho que tinha, era meio balanceado, né, a quantidade de homens e de mulheres, que sempre eram seus maridos e suas esposas, então eu acho que hoje possa ser que tenha um pouco mais talvez.

ASP: Eu não sei assim, eu acho que as mulheres até acompanhavam o marido, eu posso estar sendo ignorante e injusta, mas eu acho que...

LAS: Os maridos acabavam tendo mais voz do que as mulheres.

ASP: Eu acho que acontecia isso.

LAS: O marido tinha mais voz que as mulheres.

ASP: Elas acompanhavam mas não participavam, não tinham esse poder de decisão, eu acho.

SC: Antigamente, né? E agora têm.

LAS: Agora sim, agora a gente decide, a gente grita, a gente bate o pé, a gente vai à luta, rs. Porque a gente acredita também nessa força da mulher, porque a mulher foi também um sujeito muito discriminado, ainda é hoje, mas já foi muito mais, assim, discriminada, tempos antes do que agora, agora não, agora a gente pode ir mais à luta, a gente pode falar mais, antigamente, tinham mulheres que eram até meio assim, retraída, submissa ao marido, só falava se o marido deixasse, enfim, hoje não, hoje a gente tem mais voz.

ASP: E as mulheres de hoje em dia também, assim, pelo o que a gente percebe aqui na nossa comunidade, as mulheres estão no mercado de trabalho, então assim... a gente precisa do homem, do outro, mas o outro não tem tanta necessidade na vida assim, a

gente precisa, que todo mundo precisa do outro, mas por exemplo assim, antigamente não, pelo o que eu conheço, pelo pouco que eu peguei assim, a mulher era sustentada mesmo pelo marido, então, eu acho assim, que isso impossibilitava, por exemplo. A gente tem mulher aqui que hoje, que assim, que ligam e falam assim "semana que vem tem uma reunião no Rio", por exemplo. Aí tem que arrumar passagem, diária, ou não tem dinheiro, vocês vão arrumar o dinheiro, a mulher vai lá, fala com o chefe, com o patrão, pede licença no trabalho, ele libera. Ela primeiro vai falar com o patrão, pede a licença, depois vem e fala com o marido "olha, eu estou indo tal dia para o Rio, pra São Paulo, pra não sei pra onde...". Ele pode é não gostar, mas não vai impedir, porque houve uma mudança nesse comportamento da sociedade né, eu acho.

LAS: É, tanto assim, eu hoje eu sou mãe solteira, eu sempre fui, nunca casei, isso não porque eu não quis, foi mais por uma opção, porque quando eu engravidei, eu já participava do movimento, e aí observando né, o parceiro, você vê que, assim, eu percebi que se eu casasse ou fosse morar junto, eu não estaria nesse movimento hoje, talvez, porque era uma pessoa que não gostava desse movimento, que não participava. Então assim, quando eu saí do hospital, foi a família dele, foi ele, a mãe dele, o irmão dele, me buscar no hospital, aí ao mesmo tempo foi minha mãe, minha irmã, não sei o que, eu fiquei naquela: e agora, eu desço ou eu subo? Eu vou pra casa, ou eu vou, nos dois lugares tinham quarto arrumado pra mim, com berço, não sei o quê.

SC: E você não decidiu antes?

LAS: Rs, eu falei "ah, eu vou voltar mesmo para a casa dos meus pais, porque a gente luta, porque a gente acredita em um futuro diferente", aí eu falei assim, "essa luta eu não posso deixar, e até mesmo a pedido do meu pai, já de mais idade, eu não posso deixar essa luta assim de lado". Tanto que eu sou mãe solteira até hoje, tenho namorado e tudo, pediu pra casar comigo ano que vem...

SC: E você vai casar??

ASP: Essa parte do pedido é um problema.

LAS: Rs, eu falei pra ele que casamento é um caso distante, é melhor eu construir a minha casa, ele construir a dele, a gente continua junto, mas cada um na sua casa, com o mesmo respeito, mas cada um com a sua liberdade, né, porque eu acho assim, que se a mulher não for determinada, o homem acaba impondo as coisas pra mulher, né?

SC: Ainda hoje, né?

LAS: Ainda hoje.

SC: Mas a diferença é que antigamente as mulheres eram mais submissas, hoje ainda, você acha que casando, você teria esse conflito, de querer continuar a vida política, e tal.

LAS: Sim, teria mais restrições, né.

ASP: Tem umas pessoas da comunidade ainda assim, não acontece com a gente, mas ainda tem casos que tiraram do jongo, se vai no jongo só dança com fulano, não pode dançar com sicrano...

SC: Ciúmes.

ASP: Sei lá se é ciúmes, maluquice, eu não sei, e outras coisas mais complicadas que acontecem no dia a dia de um casal né, a gente está colocando as mais simples, mas eu acho que a luta é, eu nunca me intitulei feminista não.

LAS: Eu também não.

SC: Ahan, bom eu vou, primeiro, só para continuar o que vocês estão dizendo, depois eu vou perguntar o que é feminismo pra vocês, mas continuando o que você está falando... O fato de você estar, não sei se também no seu caso é o mesmo, de você estar envolvida no movimento, estar na liderança, estar seguindo pra frente na sua vida, isso fez, isso deu pra você enquanto mulher uma força para enxergar a relação do casamento de uma forma específica, assim.

LAS: Não só uma força, mas como também me mostrou que eu sou capaz de seguir sem precisar, sem depender, porque tem mulher que é dependente do marido, por mais que trabalhe é dependente do marido. E aí também me mostra que eu não preciso depender de um homem pra poder sobreviver, né.

ASP: E a gente tem tantos exemplos de mulheres que conseguiram evoluir, sei lá qual é a palavra...

LAS: É, alcançar seus objetivos.

ASP: Sem depender de um homem.

LAS: Da força masculina.

ASP: Eu não sei se elas se constituem como feminista, mas que são doutoras, são mestres.

LAS: Tem muitos exemplos.

ASP: Até mesmo mestre de obras, que a gente fala assim, que se for casar, pode até casar hoje em dia, mas a gente vai avaliar bastante, se a pessoa entra no perfil, vamos lá ver se entra no perfil assim.

SC: Esses exemplos são aqui na comunidade, ou na sua vida pessoal, que você tem esses exemplos, ou assim na vida da comunidade?

LAS e A: Na minha vida pessoal.

ASP: Na amizade, né.

LAS: No exemplo de amigos, é, enfim, que assim, eu posso chegar lá, sem ter que depender do homem, entendeu. Se não também eu não escolheria, tipo assim, assumir o meu filho sem ter a participação do pai, né. Então assim, eu acho que enquanto Deus dá

força pra gente trabalhar, pra gente caminhar, acho que a gente não tem essa, não pode ter muito essa dependência.

ASP: E se casar também ele tem que saber que nós somos do movimento.

LAS: É, pra casar tem que ser com uma pessoa assim de mente muito aberta, uma pessoa muito flexível.

ASP: E que assim, ele conheceu a gente nesse movimento.

LAS: E que aceite, se não aceitar, não rola.

ASP: Ele corre o risco de se casar e separar.

LAS: Se não conhecer, não aceitar, não rola.

SC: Vocês veem problemas entre as famílias, problemas de gênero, esses problemas que as feministas normalmente focalizam, de violência contra a mulher, discriminação, favorecimento aos meninos na educação, vocês veem esses problemas na sua comunidade, ou na sociedade mais ampla?

LAS: Tem, nos dois casos tem, na comunidade tem, na sociedade, em caso mais amplo tem bastante, e assim é uma coisa chata né. Tem até uma conhecida, que é o que eu falo de a mulher ser submissa ao homem, ou dependente assim, aí eu conheço uma pessoa que ela tinha um trabalho, ela conseguiu um trabalho pra ganhar 5000 reais por mês, né? Aí o marido, sei lá, ganhava 1000 reais por mês, 1200, ele simplesmente não deixou ela ir, porque tipo assim, "a minha mulher vai ganhar mais do que eu?" né? Assim, coisa assim sem noção eu diria, porque se os dois são marido de mulher, e marido e mulher pra mim é, no caso, para andar lado a lado, e não um na frente do outro, eu acho que ele deveria pensar nisso, até como até um fortalecimento pra pessoa né, pro casal, pra família, esse trabalho dela, mas enfim.

SC: E o movimento do jongo, o movimento do quilombo, falam sobre esse problemas, ou não é o enfoque?

LAS: Já falamos, algumas vezes, porque na oficina do jongo, depois que todo mundo já sabia dançar, cantar, enfim, aí eu comecei a fazer oficina, dividido por temas né, as oficinas eram por temas. Cada encontro era um tema diferente que a gente discutia, sobre o negro no futebol, sobre o negro na mídia, enfim, e sobre a mulher, né, foi pouco debatido.

SC: Mas foi.

LAS: A gente chegou a falar algumas coisas a respeito.

ASP: Eu estava até pensando esses dias lá em casa, penso muito, faço pouco, rs, brincadeira, falar, em fazer uma oficina, não sei nem como começar, sobre a invisibilidade da mulher negra, eu não estava nem pensando no Brasil não, estava pensando mais em Angra dos Reis, né.

SC: Onde?

LAS: Aqui em Angra, na nossa cidade, aqui em Angra dos Reis.

SC: Ah tá, em Angra.

ASP: A invisibilidade da mulher negra.

LAS: Acho que vai ser um tema bem bacana.

ASP: Eu não sei nem como começar.

SC: E vocês acham que sua atuação dentro do movimento ajuda para mudar essa situação? Pra visibilizar a mulher?

ASP: Ajuda porque a gente vê muito caso de violência doméstica dentro do nosso próprio quilombo, então, assim, sempre que a gente pode a gente está falando, conversando, não apontando ninguém, mas sempre falando que a violência doméstica é ruim, então assim, o pouco que a gente sabe a gente está sempre conversando, com as jovens, falando "ó não deixa isso não, a primeira vez que o seu namorado aperta, segura seu braço, já é uma violência".

LAS: Pra não aceitar, né.

ASP: A primeira vez que ele fala alto, que ele grita com você, é uma violência, então corta isso, porque se ele puxou seu braço hoje, amanhã pode ser seu cabelo, pode ser violento, a violência não começa com ele te espancando, ela começa com coisas pequenas, e transforma o negócio e depois você vê o número de tantas, o número tão grande de mulheres mortas, até falei pro, eu sou noiva é, óh, tirei a aliança, rs, até falei pro meu irmão: "acho que não vou casar não, que todos os homens são psicopatas, rs." Porque assim, você acaba ficando com medo, todos os dias morrem não sei quantas mulheres, morrem homem também, não estou dizendo que não tem mulher que mata homem, também tem maluca também, eu não perderia a minha liberdade para matar ninguém, mas eu não sei o que acontece na cabeça das pessoas, mas assim, tem sempre que estar falando, e não precisa nem marcar uma reunião x para falar, chegou um jovem aqui agora, a gente começa a falar do assunto.

LAS: É, no meio da conversa sempre surge.

ASP: Estamos sempre falando alguma coisa, eu falo porque eu já tive exemplo dentro da minha casa assim. Minha irmã namorava e não saía de casa, e ela é festeira né, o sobrenome dela é festa. Mas ela namorava e não saía de casa, você não via minha irmã, minha irmã usa black power, e quando namorava o cabelo era esticado, assim, não de escova não, amarrado, esticado, preso, porque o namorado não deixava, e quem sustentava minha irmã era eu, ele não dava nem um real, então assim, isso me, eu arrumava briga, eu arrumo mesmo né. Aí ela separou, eu falei pra ela: "Isso aí não é vida pra você, isso não é vida, você é uma moça nova, tem 20 e poucos anos (agora ela tem 24, mas tinha 22, 21, sei lá), você passa 24 horas dentro de casa, nem minha avó vê sua cara na rua"., Aí hoje em dia ela arruma namorado com outra postura: "vai namorar comigo, eu vou sair, eu tenho meus amigos". Minha irmã parou de falar com os primos, e

olha que ela tem mais de 50, todo mundo aqui é primo, gente, como é que você vai parar de falar com os seus primos por imposição do namorado? Então assim, é uma violência. A gente está sempre falando, cada um na sua família, mas está sempre falando desses assuntos, violência doméstica, e coisa, e o mundo das drogas porque a gente não quer ver, porque a gente tem muito parente nosso, infelizmente, preso, nas drogas, não sei o que, e aqueles que a gente consegue conviver do nosso lado, faz igual mãe né, bota debaixo da asa e não, fulano não vai... se a gente puder impedir, fulano não vai.

SC: Então, a última, estou vendo todo mundo almoçar, então a última pergunta, é essa que eu já, já vamos falando. Se vocês se consideram feministas, e por que ou por que não?

LAS: Eu não me considero, e assim eu não sei, vou falar a verdade, eu nem sei assim muito qual é a luta das feministas, então assim, eu não me considero, às vezes posso até ser, mas por não ter um conhecimento profundo do que é, verdadeiramente, ser feminista, então eu não me considero, não acho que eu sou assim uma feminista, né?

SC: E você?

ASP: Ah, rs, eu também, estou no mesmo barco que a Luciana.

SC: O que você entende por feminismo, ou é uma coisa que você não tem pensado?

ASP: Pra falar a verdade eu nem tenho pensando muito sobre o assunto assim, a gente na universidade escutou alguns assuntos e tal, mas não foi muito aprofundado, então eu não tenho nem base muito assim, se você me pedir para explicar como você fez agora, o que é o feminismo, eu nem sonho em explicar pra você o que é um feminismo, eu vou ficar horas pensando, pra poder te falar alguma coisa..

SC: Tá bom, olha, super obrigada, foi maravilhoso, adorei conversar com vocês.

LAS: Nada, imagina.

SC: E acho que o vídeo vai ficar muito, muito legal, vou mostrar a vocês antes de colocar na net ok?

LAS: Ah, tá bom.

SC: Obrigada, Guilherme!